



A vida de Marcelo não poderia ser melhor: pais legais, irmãos que se gostam e estão sempre juntos, uma namorada linda... Porém uma aula de biologia muda sua vida. Marcelo descobre que é adotado. E agora? O que fazer com toda a sua história? Nem a paixão pelos Beatles — os tais rapazes de Liverpool —, que herdou do pai, parece segurar a barra. Enfrentar essa situação não será fácil. Até porque ele percebe que terá de fazer isso sozinho. Mas como?

O RAPAZ QUE NÃO ERA DE LIVERPOOL • CAIO RITER



BARCO
A VAPOR

O rapaz que não era de Liverpool

Caio Riter



PRÊMIO
BARCO
A VAPOR

1 6 7 6 2 0

ISBN 978-85-418-0760-9



9 788541 807609





BARCO
A VAPOR

O rapaz que não era de Liverpool

Caio Riter



© Caio Riter, 2005

Edição executiva: Graziela R. S. Costa Pinto

Coordenação editorial: Malu Rangel

Preparação: Bruno Zeni

Revisão: Márcia Nóboa Leme, Carla Mello Moreira
e Gislaíne Maria da Silva

Edição de arte: Natalia Zapella

Ilustração de capa: Graça Lima

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riter, Caio

O rapaz que não era de Liverpool / Caio Riter. — 2. ed. — São Paulo :
Edições SM, 2015. — (Barco a vapor / Série vermelha)

“Prêmio Barco a Vapor 2005”

ISBN 978-85-418-0760-9

1. Literatura juvenil I. Título. II. Série.

15-02367

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1ª edição 2006

2ª edição 2015

2ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

SUMÁRIO

- 1 *Just look into my eyes* 9
- 2 *The world is treating
me bad. Misery.* 23
- 3 *Help me get my feet
back on the ground* 43
- 4 *Lend me your ears
and I'll sing you a song* 57
- 5 *All the lonely people,
where do they all come from?* 75
- 6 *Let it be, let it be, yeah.
There will be an answer, let it be...* 89

*Para Laine: por todos os motivos.
E por muito mais.
Para Helena e Carolina: nossos sonhos.*

● 1

*JUST LOOK INTO MY EYES...*¹

— NÃO, MARCELO, você não nasceu de mim!

Ela disse. Falou o que eu queria-temia escutar. Falou. As palavras foram claras. Sem sombras. Sem dúvidas. A confirmação ali, naquela frase tão simples. Tão. Não era minha mãe. Não era. E, no entanto.

Estendeu a mão. A mão que muito carinho já me fizera. A mão. Tremia? Queria ser toque. Acarinhando meu cabelo, daquele jeito calmo que eu tanto gosto. Gostava.

Leve toque em meu braço.

Fugi.

Lágrimas nos olhos dela. E nos meus.

Fugi para o meu quarto.

Único abrigo naquela casa que agora me parecia por demais estranha. Ela não era minha mãe. Mas e se? Não, não era. Suas palavras, naquela voz que não tremeu,

¹ Cada capítulo da história que você vai ler é aberto por versos de canções dos Beatles. Este primeiro é de “Any time at all” (1964). Como o protagonista adora Beatles e cita muitos versos das canções, títulos das canções e dos CDs, padronizamos da seguinte maneira: as canções vão entre aspas, os versos das canções em itálico e os títulos dos CDs, também em itálico. [N. da E.]

naquela voz que, talvez, havia muito tempo desejasse ser, e foi, revelação, não deixavam dúvidas. *Você não nasceu de mim.* De quem, então? Ela respondeu apenas à primeira, à principal, pergunta. Muitas outras agora me invadem e, tenho certeza, me invadirão para o resto da vida.

Você não nasceu de mim. E ponto. Final.

De quem, então?

Eu não sou eu. Não sou o Marcelo. Ou sou?

Meus irmãos não são mais meus. Nunca foram. Meu pai também não. Tudo falso, uma grande mentira. E dói. Vida de fantasia. Ficção, como diz a professora de literatura como último argumento contra aqueles caras chatos, com suas perguntas cretinas, a exigirem lógica de um texto, quando lógica não pode haver. A ficção, a poesia: elas não têm lógica. A vida também não. Só agora descubro. Eu mesmo personagem de uma história inacreditável, querendo respostas que talvez nem minha mãe tenha. Quer dizer, aquela que eu acreditava ser minha mãe, aquela que agora chora na sala. A Inês.

Passo os olhos pelo quarto: as paredes na cor que escolhi, as miniaturas de automóveis acumuladas nesses quinze anos de vida de mentira, meus livros, meus CDs, os quatro garotos de Liverpool, que no quadro feito por mim viraram cinco. Tudo, e nada.

Sou um nada.

A batida na porta. Leve, nós dos dedos, querendo mas temendo ser interrupção. As lágrimas vêm. Bebo o sal. A voz:

— Marcelo.

Escondo a cabeça sob o travesseiro. Não quero ouvi-la.

— Meu filho, abre.

Não abro. Você mentiu. Me enganou. Não sou seu filho.

— Abre, meu filho, precisamos conversar.

Dói saber que ela está ali, que ela está sofrendo. Sento na cama. Eu sofro também. Não posso abrir, não quero, não agora. Ela insiste. Bate. Me chama de meu filho. Me atiro sobre a cama de novo, só quero ficar ali, atirado, olhos que fitam o teto e buscam nele alguma resposta, um consolo talvez. Não quero meus olhos nos olhos dela, pelo menos agora não.

Meu pai, meus irmãos, minha casa, minha mãe, nada é meu de verdade. Sou só eu, só eu. Só.

— Meu filho, por favor, abre.

— Agora não. Me dá um tempo — consigo dizer. Um tempo, preciso de um tempo para. Sei lá para quê. Sei lá. Sei é nada. As palavras dela a dizerem que eu não nasci dela. A suspeita que eu desejava não confirmada ali entrando em mim como faca em mão traiçoeira. Minha família não existia de fato.

— Está bem, Marcelo. Depois falamos.

Os passos afastaram-se, lentos. A cabeça dela talvez também quisesse explodir como a minha. Por que não negou? Por que não seguiu mentindo? Não seria melhor? Agora talvez ligasse para o meu pai. Ele largaria seus afazeres, deixaria a namorada na mão, sexta-feira à noite, e viria correndo tentar, como sempre, ajeitar aquilo que arrumação não tinha mais. Meu pai?

Na foto dos garotos de Liverpool, ele é o primeiro a atravessar a rua. De terno branco. Nós o seguimos, firmes, sobre a faixa de segurança. A mãe, eu, a Maria e o Ramiro. Como sempre. *Na ordem em que entraram na minha vida*, dizia aquele que eu acreditava ser meu pai. E ria, e nos abraçava, e nos queria tão bem que não conseguíamos perceber de qual ele gostava mais. Se é que isso existia. Meus amados. Era assim, bem assim, que nos chamava. Desde sempre, e ainda hoje.

Nem quando resolveram se separar, sofri como agora. Os dois reunindo a gente na sala, revelando que o pai iria sair de casa, que ele e a mãe tinham resolvido assim, que seria melhor para todos nós. Eu, o Ramiro e a Maria nada entendendo. O pai abraçando cada um de nós, dizendo que nada iria mudar, que seguiríamos amigos.

[CENA 1] **A separação**

Maria foi a última a sentar-se na sala. Veio do quarto devagar, parecia já saber o teor da conversa que teríamos. Pegou a mão da mãe e baixou a cabeça, deixando os cabelos esconderem o rosto, os olhos claros, como sempre fazia quando alguma coisa a incomodava. Silêncio. A TV desligada, uma motocicleta cruzando a rua em disparada. Era uma noite de quarta-feira.

— Tá, estamos todos aqui — eu disse. E se disse foi por saber que eu era o filho mais velho, foi por me sentir na obrigação de abreviar tudo aquilo. O pai olhou para

a mãe. Ela deu um sorriso meio acanhado e ao mesmo tempo encorajador, como se dissesse *Tá, Pedro Paulo, vai, fala*. E ele falou:

— Olha, meus amados, eu e a Inês temos conversado, não é de agora, sobre o nosso casamento. E reunimos vocês aqui para comunicar algo bastante importante.

Maria ergueu a cabeça e seus grandes olhos azuis buscaram acolhimento nos meus. Todos, na verdade, já sabíamos o que nosso pai iria anunciar. Maria, talvez, fosse a menos preparada para ouvir. Olhos já brilhantes pelas lágrimas que ameaçavam saltar no momento em que nos fizessem ouvir a decisão. Deles.

— Bem, é que — prosseguiu, o rosto passeando pelos nossos, que o fitávamos, até mesmo Maria desistira de mim e agora cravava os seus azuis nos azuis do pai. Tentativa, quem sabe, de fazer com que ele desistisse. Engano dela. Ele não faria isso. — É difícil, foram dezoito anos de convivência, vocês são e serão sempre minha família, mas é que...

— Você está indo embora. É isso? — Maria, voz meio falhada, uma lágrima já escorrendo pelo rosto. A mãe apertando firme sua mão.

— É isso, meus amados. É isso — suspiro profundo.

— Minha filha — era a mãe que falava — seu pai vai ser sempre seu pai. Pai de todos vocês. Mas, enfim, as coisas que começam às vezes terminam. E com a gente ocorreu assim, eu e Pedro Paulo não nos amamos mais, não como marido e mulher, nos amamos só como amigos.

— É isso, é isso — concordou ele.

A mãe seguiu dizendo que, depois de muito conversarem, optaram pela separação. Não valeria a pena ficar junto só por ficar, só para manter aparências.

— Vocês já são bem grandes, são capazes de entender, não?

— Entender a gente entende. Mas não me peçam pra gostar — Maria disse, entre soluços. Ergueu-se, foi até a janela. De lá, voltou-se, o rosto em desafio a olhá-los.

— Olha — era eu de novo, na obrigação de falar, afinal era o filho mais velho. — Não sei direito o que vocês esperam da gente. Compreensão? Aprovação? A gente nunca percebeu nada de errado. Vocês perceberam? — A pergunta era para meus irmãos, que me olharam e nada responderam. Minha mãe buscou refúgio nos olhos do meu pai. Ele permaneceu com os dele fixos em mim. Prosegui. — Vocês, como o pai bem disse no início desta conversa, já decidiram. Portanto, este encontro é só para comunicar. O que eu, a Maria ou o Ramiro pensamos desta separação não fará a mínima diferença.

— Não é assim, meu filho.

— Não, mãe? Quer dizer que, caso a gente peça, implore, chore ou sei lá o quê, vocês podem mudar de ideia?

— Marcelo, você está sendo infantil. E você é o mais velho.

— Discordo, pai. Estou apenas mostrando pra vocês que nossa opinião não interessa. Vocês vão se separar e pronto. Não é assim?